

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.  
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.  
 BRAZIL, (moed. forte) e Africa oriental anno... 1\$500

**Publica-se aos Domingos**

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

**A VEIRO**

**AVANTE!...**

O sr. Jacintho Nunes, um dos mais illustres membros do partido republicano, escreveu ha dias no *Seculo*, um artigo que vem pôr em evidencia o perigo que nós corremos se ficarmos de braços cruzados às investidas da realzeza contra a liberdade.

O passado do illustre redactor do *Seculo*, o seu caminhar nunca discrepando da via legal, a honradez até hoje não desmentida do presidente da camara de Grandola deve servir de lição aos que julgam, mesmo no partido republicano, não ser esta a occasião propria para fazer recuar o governo e pôr em evidencia os nossos direitos á liberdade.

Ninguem poderá substituir n'este assumpto a palavra nobre e patriótica do redactor do *Seculo* e por isso transcrevemos as suas frisantes declarações:

«E, se os meios legaes não bastarem para deter os conspiradores, appellemos sem hesitação para meios mais decisivos. A' violencia com a resistencia. E' o nosso dever e o nosso direito.

«Interrogue a historia dos nossos dias e ella nos dirá que d'estes conflictos sempre o povo tem sabido triumphante.

«E' perigoso o processo? Não o contestamos; mas vá a responsabilidade do que succeder aos obsecados que, para servirem a camarilha e fortalecerem o poder pessoal, não hesitam em provocar o paiz com o mais audacioso assalto que nas regiões do poder se tem premeditado contra as liberdades publicas.

«Pois quê? Julgar-nos-hiam tão faltos de energia e de patriotismo que nos supporiam capazes de tolerar a ordem e o silencio de Varzovia? Perseguidir-se-hiam que nos deixaríamos desarmar do direito sacratissimo que tem todo o mandante e contribuinte a

discutir com desassombro os actos dos seus mandatarios e a applicação dos seus dinheiros?

«Como ha de ser terrivel o desengano!»

Eis as ideias do mais prudente e cauteloso membro do partido popular.

E' necessario ouvir mais, por que taes palavras ditas por quem são, devem calar no animo de todo o patriota.

Continúa o sr. Nunes:

«Mas quando os vemos completamente surdos ás justas reclamações da opinião, e apostados a lançarem-nos a mordaca para mais facil e impunemente nos espoliarem d'alguma coisa que ainda nos resta, então julgamos indispensavel repellir a aggressão com todos e quaesquer meios de defeza.»

Quando todos os expedientes, que recommenda a prudencia, fallarem, então ver-nos-hemos obrigados a lançar mão dos extremos meios de defeza contra os oppresores.

O partido republicano que já tem dado provas irrefragaveis de quanto é forte precisa d'uma direcção energica para pôr em execução ideas de salvação da patria.

A opinião publica, que tem seguido invariavelmente os chefes d'esse partido, está hoje desanimada, porque vê que são elles os proprios a retrahirem-se deante d'uma manifestação necessaria e cujos resultados praticos, em casos identicos, lhe deviam dar forças para não desprezarem occasiões propicias como as que se inutilisaram no dia seguinte ao meeting.

A verdade é esta: o resultado pratico do comicio do Chalet do Rato não foi ainda visto, perdeu-se na pacatez assustadiça do directorio.

Não somos contra o directorio, até achamos necessario no partido republicano uma força di-

rigente, porém deve ella ser prudente mas energica, guiar e não ser arrastada.

Para casos em que é necessaria acção, deve tambem haver homens de acção que tenham o tacto e energia precisa para guiar as massas.

Temos esses homens e nenhum partido os pôde apresentar na generalidade tão intelligentes e illustrados «mas, como muito bem o disse o nosso illustrado amigo Antonio de Castro no seu ultimo artigo, não tem coragem de repellir os ambiciosos, os intrigantes e os nullos.»

Para o sr. Jacintho Nunes pôr em pratica, se a insistencia impudente do governo o obrigar a isso, o que no seu artigo disse, ha de desfazer attrictos que se anteporão aos seus desejos justos e patrioticos; ha de arcar com uma difficuldade immensa — tirar da inacção o directorio.

Quando vemos um individuo da tempera do dr. Jacintho Nunes dizer — avante, até onde puderem as nossas forças — não acreditamos que nenhum homem possa ficar na rectaguarda.

Quando tal homem diz: «este é que é o caminho» é porque com effeito outro que seja a nossa redempção não encontrou elle.

E' necessario mostrar que não andamos simplesmente a gastar palavras, é necessario tambem mostrar que somos homens d'acção e sabemos levar as coisas até onde as podem levar os mais corajosos.

Na Inglaterra já o governo teria recuado perante alguma manifestação das nossas que se impõem a quem de direito se devem impor.

E' pois preciso quanto antes seguir rectamente o conselho do conspicuo redactor do *Seculo*: preparemo-nos e unamo-nos todos

para repellir a odiosa lei que o poder pessoal deseja impor ao povo portuguez; é necessario que respondamos com brio aos descejos libertecidas da camarilha; é indispensavel mostrar que somos livres e que não nos deixamos amarrar pelos aleijões do paço.

Aproveite-se a força onde ella existe; faça cada um o seu dever e veremos se a covardia innata a esses arlequins da politica não se manifestará como em analogas occasiões por um afastamento do seus projectos torposissimos.

Sirva-nos de consolação ao menos haver um homem como o redactor do *Seculo* que queira impellir o partido republicano ao cumprimento dos seus deveres.

Mello Junior.

P. S. Ao terminar o artigo soubemos que tinha sido approvado na camara dos deputados o projecto da reforma do codigo penal.

E o povo que fará?

M. J.

**UMA FILHA BEATA**

Lê-se no excellente Jornal *Le Petit Parisien*:

«Eis uma nova prova da maneira porque os clericos respeitam a familia.

Acaba de morrer em Pont-l'Évê que um bello homem, que gozou sempre da estima publica. Era um republicano de velha data, que tomou parte na revolução de 1848 como diz o sr. Augusto Vacquerie no *Rappel*.

Mais tarde, em 1851, teve a honra de sêr alcançado pelo golpe d'Estado: — preso no meio dos seus, arrebatado ao affecto da sua mulher e dos seus filhos, foi registado na cadeia de Pont-l'Évê, condusido como um malfetor de cidade em cidade, embarcado no Havre e conluido á Algeria.

Quando o imperio entregou a França á Prussia e a invasão marchou so-

bre Paris, foi, apesar de ter então setenta annos, dos que se vieram encerrar conosco em Paris, soffrer o bombardeamento, o frio e a fome, alistando-se no 236 batalhão de engenheira.

Este bravo republicano, este digno patriota que se chamava Bernard-Lecchevalier, declarou no testamento que queria sêr enterrado civilmente.

Ora eis aqui o que se passou: Depois do enterro do sr. Bernard-Lecchevalier, um dos seus amigos, o sr. Amédée Tissot publicou uma brochura em que contava a vida do defuncto. Entre outras cousas dizia: — «Bernard-Lecchevalier era dos que impõem o respeito, d'aquelles que passam a vida a fazer bem. Raros são os que sabem, como elle soube durante uma larga existencia, cumprir tão bem a missão social. Bernard-Lecchevalier era um homem de bem na accepção sincera da palavra. Nós que chorámos a partida eterna do nosso mestre venerado, conservaremos com reverencia a lembrança das suas virtudes e do seu saber; será depois da morte o nosso modelo como o foi durante a vida.»

Os leitores julgarão naturalmente que os parentes d'esse homem se honrarão em o contar no numero dos membros da sua familia. Pois bem, não succede nada d'isso, e a filha do sr. Bernard-Lecchevalier, — sim, a sua propria filha! — protesta contra a publicação da brochura do sr. Amédée Tissot!!!

Parece incrivel, mas não é. A filha do sr. Benard-Lecchevalier chegou a requerer aos commissarios de policia de Lisien, Trouville e Honfleur o sequestro da referida brochura; alem d'isso, atirou-se a um dos vendedores da brochura e rasgou as paginas em que se fazia o elogio de seu pae!

Porque? porque a filha do sr. Bernard-Lecchevalier é clerical, porque prefere que se não diga bem de seu pae a diser-se que foi republicano e livre pensador. Esta mulher é impellida pelos reaccionarios, o que demonstra que os clericos nem mesmo conservam o respeito filial, o que prova que o ódio da gente da Igreja nem mesmo abranda deante da morte.»

O caso estupendo d'uma filha não querer que se diga que seu pae foi honrado, foi digno, foi patriota, por-

(31) **Folhetim**

**A. RANC**

**HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO**

XXIII

—Não os salvareis, Rochereuil; dedicaes-vos inutilmente. Se a policia de Bonaparte vos poser uma só vez a mão em cima, estaes perdido, perdido sem remedio. Morre-reis e não salvareis os nossos amigos.

—Talvez, disse Rochereuil. Tentarei ao menos. Como! cinco dos nossos irmãos que voluntariamente, sem hesitar, acceitaram o lugar mais perigoso! Elles que se offereceram resolutamente, com indifferença, ao captivo, á morte... não se diga que foram abandonados! Não, mil vezes, não! E meu irmão, uma creança de vinte annos, que está talvez já preso, ou que o será certamente quando se descobrir a minha fuga? Vós julgaes que ia deixal-o entre as garras d'esses miseraveis, e que não lh'o disputaria?

—O vosso lugar é em Pariz, cidadão

Rochereuil. Quantos d'esses patriotas allemaes se faziam voluntariamente soldados para conquistar a independencia da patria, e quantos não morreram por ella em Leipzig? Elles eram tão dedicados e tão magnanimos como vosso irmão, ou como aquelles dos nossos amigos que estão no carcere. Tem por ventura morrido menos, e os seus companheiros tem por isso desanimado, ou deixado de carregar bayonetas para a frente? Não. Pois bem! Porque nos demoramos nós a conduzir os nossos feridos e a enterrar os nossos mortos? E' o resultado da guerra, como das luctas obscuras, em que andamos empenhados. A vante! a vante! Choraremos os nossos amigos quando tivermos vencido. Vós mesmo o dizeis, Rochereuil, a tarefa em Pariz será pezada. Tudo está a recommear; é um negocio novo que se organisa: o dever como o perigo estão lá; não hesiteis, pois. Em nome da Cauza, eu vol-o supplico.

Rochereuil abanou a cabeça.

—Se vós fosseis infallivel, absolutamente infallivel, talvez não hesitasse, talvez me resolvesse ao sacrificio que me pedis; mas enganae-vos com relação ao valor dos serviços que eu posso prestar em Pariz. E' um terreno que eu conheço mal, porque o circulo da minha acção tem-se limitado sempre á provincia. O conselho supremo da sociedade e o Comité d'acção contam membros tão resolvidos e mais experientes do que eu. Se algum pôde ser bem succedido

em Pariz, é o chefe actual do Comité. Deixae-me, pois, ir ver os nossos amigos e o meu irmão.

Um dos Irmãos azues, que não tinha fallado ainda, levantou-se:

—Qual é a vossa opinião, cidadão Georget? perguntou elle.

O abbade respondeu com voz firme:

—Rochereuil tem razão. Eu preferia cortar-me um membro a abandonar os nossos amigos. Elles contam conosco e não os atraioamos. Se elles soubessem que nós tínhamos succumbido, resignar-se-hiam á sua sorte com a alma tranquilla: nós, porém, estamos livres, e elles não. Fomos nós que os lançamos n'aquelle caminho, seremos tambem nós que os resgataremos. Cidadãos, não penseis que resolvemos levanamente isto quando a morte rareia as nossas fileiras. Um dos erros da Revolução tem sido isso mesmo — o de vender baratos os homens. Déclaus e os nossos irmãos d'armas não existem já. Será necessario que perçamos os que estão presos? Com mais cinco victimas abreviaríamos a hora do triumpho? Eu sou da tua opinião, Rochereuil. E tu deves saber que para onde fores, eu irei tambem.

—Ah! Eu não sabia, disse Rochereuil. Queres seguir-me?

—Para onde fores irei eu.

—Mas para quê? Que se aproveita com exporno nos ambos? Trata-se de soccorrer

os nossos amigos, de os fazer evadir; para isso basto eu.

—Talvez te enganem. Não poderemos julgar isso senão nos proprios lugares, e depois de ter estudado a situação. Eu acompanharte-hei, Rochereuil.

Durante este curto debate, Philopemen accorreu. Em algumas palavras, instruiram-no das resoluções que tinham tomado. Os tres Irmãos azues nunca o tinham visto, e elle conhecia-os apenas de nome. Campriamentaram-se apertando-se as mãos.

Philopemen approvou todas as resoluções tomadas. Rochereuil e o abbade iam voltar a Poitiers e trabalhar na evasão dos membros da Sociedade, que deviam estar lá detidos; os outros tres partiam directamente para Pariz. Depois juntar-se-hiam aqui novamente, e tentariam um estorço supremo.

—Eu tambem estarei á hora precisa, disse Philopemen, se por ventura eu tiver a sorte de conservar cá os meus ossos. Eu queria, proseguir elle com um accento febril, acompanhav-vos por toda a parte; mas ainda assim eu só represento as secções militares da Sociedade. Eu sou o chefe, eu sou o exercito. Ah! Bonaparte tem-se desembarçado de nós, porque as commissões militares em Pariz e aqui a metralha trabalharam por elle...

—Meus senhores, interrompeu Rochereuil, nada de demoras; imaginae eu que inquietação mortal devem estar em Pariz e

em Poitiers os que nos esperam. Não nos detenhemos em Erfarth nem mais um minuto.

Uma hora depois, todos os cinco caminhavam pela estrada de França. Philopemen acompanhou-os até ao primeiro fosso, e ali se despediu d'elles. Não adeseus havia alguma couza de solemne. Rochereuil e Philopemen abraçaram-se commovidos.

—Animo, irmão! Nós nos veremos outra vez, disse o official.

—Quem sabe? disse Rochereuil.

Em Hanau os cinco separaram-se. O abbade e Rochereuil continuaram o seu caminho por Mayence e Francfort. Os outros tres mudaram de direcção, partindo para Gies-sen, e deviam passar depois por Coblenz, Trèves e Luxemburgo.

Quando os dois amigos se viram sós, Rochereuil já não procurava conter-se. Manifestou francamente os sentimentos que o agitavam e exclamou com impetuosidade:

—A Poitiers! a Poitiers, abbade! Caminhemos com toda a pressa. Oh! eu morro de inquietação! Receio que a nossa ausencia da prisão tenha sido descoberta, e elles se tenham vingado em meu irmão.

—E em Julietta, cujo nome tens nos labios, respondeu o abbade sorrindo friamente a despeito do desespero patriótico, causado pelo mau successo dos seus projectos e esperanças.

—E' verdade, disse Rochereuil, não queria dizer-te nada d'ella; mas imaginae se esta pobre creança está priza tambem...

que não foi amigo da Igreja, é altamente significativo. Deixamo-lo á apreciação dos leitores, mas antes d'isso perguntaremos aos habitantes de Aveiro se essa beata francesa não terá muitos pontos d'aproximação com aquella beata aveirense que matou de desgostos o pae e a mãe. Essa beata era filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães.

PELO ESTRANGEIRO

Da Hespanha a noticia mais saliente e de pezo é a acintosa abstenção dos zorrillistas nas ultimas eleições de deputados. Na capital d'aquelle paiz não foi á urna uma vigesima parte dos eleitores, succedendo o mesmo no resto do estado. Chegou-lhes o desgano da inutilidade do suffragio n'um regimen tão devasso como corrupto, e esperam occasião azada para fazerem valer os seus direitos por outros meios mais decisivos e efficazes. A revolução está latente, e o governo vê fugir-lhe o terreno. Fervilham as intrigas palacianas e de corrilho; a imprensa fustiga desapidadamente aquelle governo despotico, e não se intimida com a repressão que o paço lhe move; o policia não respeita a inviolabilidade de domicilio, nem os cidadãos, cogitando os recatos da familia, e insultando e prendendo com sobrezenho os individuos que lhe são apontados pela camarilha desenfreada; a corrupção monarchica produzida a corrupção individual, e a dignidade está longe de ser o apanagio nas acções de muitos homens politicos; o servilismo d'uns, a pusillanimidade d'outros, a ambição d'estes e a indiferença d'aquelles chocam-se com a austeridade de caracteres intemeratos, que lutam altivos por se salvarem n'aquelle cháos de preversão, salvando tambem a Hespanha das garras aduncas d'uns Bourbonns, que tem sido o peor flagello d'aquelle formoso paiz. Conspirações populares de todos os lados; prisões por simples suspeita; boatos de estar preso Luiz Zorrilla, a quem foram apreendidos papeis compromettidos; sublevações em diferentes corpos de Cadix, Cordova, Barcelona, sendo por isso encarcerados grande numero de officiaes, sargentos e cabos, emfim uma conflagração surda, persistente, que o governo pretende offuscar, dando para o estrangeiro as noticias de que o paiz está em completo socego. Em Sevilha tomaram-se precauções e procura-se uma pessoa de bastante nome, sendo revistas algumas casas, entre as quaes a de D. Eduardo Aguirre Bengoa. Em Tortosa, Reus e Tarragona concentrou-se a maior parte das forças da guarda civil, sendo distribuidas pelos povos das comarcas.

A Hespanha está sobre um vulcão. A Inglaterra está em maré de infelicidades: Os tremores de terra de Essex, Suffulk, Kelvedor, Colchester, Mersez, Layer Breton, Southend, Bury, Saint-Edmunds e de Londres, que soffreram grandes prejuizos, vieram juntar-se á malfadada campanha do Soldão—um verdadeiro sorvedouro de inglezes. O general Gordon, em quem

a Inglaterra tanto confiava, já se queixa do abandono em que o seu governo o deixa. E' que lhe vae faltando gente para a voracidade d'aquellas paragens.

Os egipcios mal dizem da intervenção ingleza no seu paiz; e a Inglaterra vendo a praça de Berber em pessimas condições de defeza, nega-se terminantemente a socorrer os egipcios contra os rebeldes. Com os seus destemperos e rapacidades, a Inglaterra foi levar ao Egypto a guerra, a devastação, a fome e o cholera; agora que este paiz se acha a braços com uma sublevação terrivel, que, como os egipcios muito bem dizem, foi originada pela Grã-Bretanha, abandona-os aos revezes da sorte.

O governador da praça de Berber, Hussein Pachá, foi autorisado a bater em retirada para Korosko afim de salvar os 700 homens da sua guarnição. Parece que uma parte d'elles, 500 soldados egipcios, tomaram a resolução de salvar-se a si mesmo, passando-se para o inimigo com armas e bagagens.

O «Daily News» faz boa cara a este mau jogo e tem para si que semelhante solução é preferivel a novas carnificinas. O orgão ministerial chega a propor este exemplo ás outras guarnições sitiadas no alto Egypto, ponderando filosoficamente que a sorte de Tokar e de Berber é mais aceitavel do que o triste destino de Sinkat. Já é cynismo.

Na Allemanha, em Berlim, a commissão do parlamento allemão começou a discutir o projecto que trata da prorogação da lei contra os socialistas sendo approvada uma emenda que suprime a disposição pela qual era permitido ao governo prohibir de antemão qualquer reunião de socialistas. O ministro do interior combateu com toda a energia esta emenda, dizendo que accetia-a equivalia a rejeitar a lei.

O sr. Ríchs pediu a urgencia para a lei sobre materias explosivas, e inquiriu das razões por que o governo ainda não tinha comunicado ao reichstag as confissões de dois anarchistas presos por occasião dos incidentes de Francfort e d'Elberfeld. O deputado interpellante procurou suprir essa falta. Estes dois anarchistas declararam que, durante as festas da inauguração da estatua da Germania, no Niedezwald, haviam conseguido introduzir oito kilos de dinamite n'um dos tubos de drainagem de monumento, e que sómente a humidade do solo obstará á explosão. A dinamite foi retirada dois dias mais tarde pela policia e explodiu, sem causar damno, n'uma tenda levantada na relva.

A commissão resolveu discutir sem demora estes assuntos.

O principe de Bismarck prepara-se para a revisão da constituição do imperio. Parece que o seu plano será restabelecer a antiga constituição territorial, dissolver o reichstag duas vezes ou mais, e se elle resistir, abolir o suffragio universal, annullar o regimen parlamentar, e appellar para os principes allemães a fim de constituir o imperio sobre a base de novos tratados.

Já é tarde. P.

O POVO SOBERANO

No seu throno de penas e miseria o grande rei da dor saudá ainda o rei da sua patria um tyranno oppressor.

O povo, ó povo! a pé! não mais curvado. rojes no pé a frente! a pé! a pé, e sóbe ao throno aureo! que a Justiça desponha emfim no escuro ceu!

Que a sombra funerea do teu maldito e horrido e passado não desça mais ao mundo, libestado dos phantasmas horrificos do ceu e dos tyrannos turbidos da terra. Declara a todo o mal infinda guerra! Sobranceiro ergue a frente, ó Prometheu, possuidor do fogo consagrado. Diz a quem se eré privilegiado que todo o mundo é teu!

Heliodoro A. Salgado.

CARTAS

Lisboa, 2 de Abril.

A politica portugueza vae-se arrastando á mercê do acaso. Anda assim ha muito tempo e assim continuará por obra e graça dos dirigentes de todos os partidos.

Tenho ouvido clamar contra a indifferença publica e eu proprio tenho clamado contra ella; mas não ha melhor lição do que o tempo e o tempo vae-me ensinando que o indifferentismo do paiz é justificado e bem justificado. Senão veja-se o que se passa n'este instante.

O governo regenerador tem praticado todas as tropelias que lhe tem vindo á cabeça; o partido progressista se as não applaude pouco lhe falta para isso; o partido republicano berra contra ellas, mas admira-as de braços cruzados sem dar um passo energico para as evitar. Quer diser, se em questão de honradez e moralidade ha um abysmo entre a chefatura republicana e a chefatura monarchica, em tenacidade e energia tal é uma como outra. São filhas da mesma mãe:— a negligencia ou a preguiça.

O que tem feito o directorio republicano para levantar a opinião publica contra a lei das rolhas? Não tem feito cousa nenhuma. Teve duvidas sobre se deveria ou não convocar um comicio em que se protestasse contra o vilissimo attentado do Paço. Por fim resolveu-se a convocá-lo, receioso da opinião republicana que sabe andar um pouco enfurecida com elle e arrastado pelo Seculo que já o havia annuciado. Mas teve logo o cuidado de lhe matar os resultados beneficos. Um comicio qualquer não se impõe aos governos senão quando elle vae em massa levar as suas queixas ao parlamento. Reunir-se um comicio, dispersar-se pacificamente e no dia immediato ir só a mesa levar ás camaras a sua representação, é gastar tempo e dinheiro inutilmente, é incommodar o povo sem necessidade. Não é isso que se faz na Inglaterra, e paiz por excellencia dos comicios. O sr. Bradlangh obrigou o sr. Gladstone a apresentar na camara dos commons um projecto sobre a abolição do juramento apparecendo por varias veses á porta do palacio legis-

lativo com dezenas de milhares de homens atraz de si. E' assim que se agita, que a multidão faz acatar os seus desejos. O resto, principalmente em occasiões tão graves como esta que atravessámos, é uma pieguice, um brinquito de sentimentalistas, que provoca a mofa dos adversarios. Mas ha mais. O sr. Magalhães Lima annunciou no Seculo manifestações energicas contra a lei das rolhas? Que é d'ellas? O sr. Magalhães Lima esqueceu-se do espirito d'ordem, que para mim se não quer diser indolencia quer diser médo, dos seus collegas do directorio. O sr. Jacintho Nunes reclamou no mesmo Seculo comicios e mais comicios, procedimentos energicos e tesos. Que é feito dos comicios? A lei das rolhas passou na camara dos deputados, sem um protesto violento dos republicanos, porque não tomo como protestos violentos os palavrões de guerra que todos nós escrevemos nos jornaes e de que o paiz já se vae rindo com razão. Comicios... por um oculo. Só se vierem para o anno, quando se applicar a lei das rolhas, quando o mal não tiver cura, porque o momento de os faser é este e eu nem ouço fallar n'elles. Muito arrependidos devem estar das suas imprudencias os nossos queridos amigos Magalhães Lima e Jacintho Nunes!! Pois desenganem-se do directorio, que eu já estou desenganado. O partido republicano não tem culpa nenhuma d'estas fraquezas, d'estes receios, d'estas indecisões deploraveis, que nos matam. Quem a tem é a maioria da chefatura, que vem dando provas extraordinarias de desleixo e incapacidade politica desde a questão da Salamancada. Mas isto assim não pode nem deve continuar. Eu sei que vae grande irritação entre os republicanos contra o directorio. Pois que ponham os pontos nos ii, que lhe declarem o seu descontentamento sem rodeios. Que lhe ponham o celebre dilemma:— submeter-se ou demittir-se. Eu fallo claro, porque é necessario que os republicanos de todo o paiz não desconhecem a causa d'este marasmo e estacionamento em que vivemos. Saibam-se impôr se querem; d'outro modo procuraremos onde cavar batatas. Só lembrar-se a gente de que a lei das rolhas podia ficar no barril do lixo se fossemos mais energicos!... Se o governo lhe fez tantas modificações importantes sem pressão, que faria se a houvesse. Repito, isto não pôde nem deve continuar assim. —Esta semana deu-se um facto que acabou de desacreditar o directorio republicano. Entre o Diario Popular e o Seculo levantou-se uma questão importante. O Seculo atacou os progressistas. O Diario Popular respondeu-lhe que apesar dos progressistas serem maus nem por isso os republicanos deixavam ás vezes de lhe pedir auxilio. O Seculo perguntou quando é que os republicanos pediram auxilio aos progressistas; o Popular replicou-lhe:— que nas ultimas eleições municipaes de Lisboa. O Seculo disse que era falso; o Popular retorquiu que tanto não era falso que tinha em seu poder as condições do conluio apresentadas pelo directorio. O Seculo repetiu que era

le tem sido muito desastrado. Quem tudo quer, tudo perde. Quanto ao essencial, parece-me que nunca tomou uma resolução definitiva. Ha que tempo que em seu lugar, eu... Emfim, callemo-nos. Vamus ver Julietta.

XXV Durante quasi seis semanas, os roubos que, durante uma grande parte do anno alemorisaram os habitantes de Poitiers, tinham cessado; todavia os ladrões não estavam prezos. Nenhum indice foi descoberto que eucaaminhasse o commissario de policia e os gendarmes pelo rasto d'elles. Mr. Galerne, commissario de policia, e o brigadeiro de gendarmaria não se attribuíam por isso menos honra de ter livrado a cidade d'um bando de salteadores, porque estavam persuadidos que os ladrões tinham renunciado ás suas empresas noturnas, por se sentirem incapazes de fugir por mais tempo á perspicacia do commissario de policia e dos gendarmes. Mr. Galerne triumphava; e re jubilava-se glorioso do seu triumpho, e re- cebia com um ar de magestade as felicitações dos burguezes. Mas eis que no fim d'outubro, por uma bella manhã, uma terrivel novidade se espalhou na cidade. Os roubos tinham recommençado e com que audacia, com que preversidade, bom Deus! Os salteadores, assoeiando o sacrilegio á indelicadeza, tinham devastado a igreja de Nossa Senhora.

falso; mas vae n'isto surge o sr. Francisco Teixeira de Queiroz, membro do directorio, e escreve uma carta ao Popular, cujo resumo é este:—quem mente é o Seculo, quem tem razão é o Diario Popular. Tableau!!

Do procedimento do sr. Teixeira de Queiroz pasma-se só e nada mais. Com o directorio o caso é mais grave. O partido republicano estava pensando que entre elle e os partidos monarchicos nunca houve conluio de qualidade alguma. Isso disse sempre a imprensa do partido. Hoje fica sabendo que se enganou. O directorio faz, quando lhe convem, conluios secretos com os monarchicos. Portanto engana-nos, portanto incorre n'um grave crime, de que havemos de pedir-lhe a responsabilidade.

Eu sei que o articulista do Seculo ignorava os conluios, mas desconfiava d'elles. Por isso insistiu em puchar por a lingua ao Popular de proposito. Porém nada saberia se não fosse o sr. Teixeira de Queiroz, porque o Popular declarou depois que tinha perdido o papel em que estavam escriptas as condições do accordo! Por conseguinte, note-se bem isto, foi um membro do directorio que voluntariamente confessou a existencia de combinações secretas entre elle e os chefes progressistas! E' estupefahendo, pois não é?

Muchas gracias, sr. Teixeira de Queiroz.

—Foi julgado e condemnado em Thomar a trinta mil réis de multa, custas e sellos do processo, por caçoar um monarchico, o nosso amigo Ernesto Loureiro. O Seculo abriu uma subscrição, por espirito de fraternidade, destinada a pagar as despesas do processo. Essa subscrição subiu em dois dias a centos e tantos mil rs., quasi o dobro do necessario para as despesas. Bello symptoma!

—Está em Lisboa o presidente da republica do Transwal, o ministro da instrucção publica d'aquelle paiz e o general Smith, que derrotou os inglezes na ultima campanha do Transwal.

—Abre-se depois de amanhã a exposição agricola, que deve atrahir grande concorrência. Consta-me que está muito bem organizada.

—Foram prorogadas as camaras até ao dia 17 do corrente. Parece-me que o governo só faz questão da approvação n'esta legislatura da reforma eleitoral, reforma do exercito e algumas outras medidas secundarias, alem das reformas politicas e emprestimo que já passaram nas duas camaras.

—Supponho que irá a Barcellos assistir á abertura das escolas democraticas o nosso amigo Magalhães Lima.

—As ultimas noticias de Hespanha participam uma grande agitação n'aquelle paiz. Surgem guerrilhas republicanas. Provavelmente são ainda simples tentativas revolucionarias. Mas a hora final aproxima-se.

Y.

que não foi amigo da Igreja, é altamente significativo. Deixamo-lo á apreciação dos leitores, mas antes d'isso perguntaremos aos habitantes de Aveiro se essa beata francesa não terá muitos pontos d'aproximação com aquella beata aveirense que matou de desgostos o pae e a mãe. Essa beata era filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães.

Do procedimento do sr. Teixeira de Queiroz pasma-se só e nada mais. Com o directorio o caso é mais grave. O partido republicano estava pensando que entre elle e os partidos monarchicos nunca houve conluio de qualidade alguma. Isso disse sempre a imprensa do partido. Hoje fica sabendo que se enganou. O directorio faz, quando lhe convem, conluios secretos com os monarchicos. Portanto engana-nos, portanto incorre n'um grave crime, de que havemos de pedir-lhe a responsabilidade.

Eu sei que o articulista do Seculo ignorava os conluios, mas desconfiava d'elles. Por isso insistiu em puchar por a lingua ao Popular de proposito. Porém nada saberia se não fosse o sr. Teixeira de Queiroz, porque o Popular declarou depois que tinha perdido o papel em que estavam escriptas as condições do accordo! Por conseguinte, note-se bem isto, foi um membro do directorio que voluntariamente confessou a existencia de combinações secretas entre elle e os chefes progressistas! E' estupefahendo, pois não é?

Muchas gracias, sr. Teixeira de Queiroz.

—Foi julgado e condemnado em Thomar a trinta mil réis de multa, custas e sellos do processo, por caçoar um monarchico, o nosso amigo Ernesto Loureiro. O Seculo abriu uma subscrição, por espirito de fraternidade, destinada a pagar as despesas do processo. Essa subscrição subiu em dois dias a centos e tantos mil rs., quasi o dobro do necessario para as despesas. Bello symptoma!

—Está em Lisboa o presidente da republica do Transwal, o ministro da instrucção publica d'aquelle paiz e o general Smith, que derrotou os inglezes na ultima campanha do Transwal.

—Abre-se depois de amanhã a exposição agricola, que deve atrahir grande concorrência. Consta-me que está muito bem organizada.

—Foram prorogadas as camaras até ao dia 17 do corrente. Parece-me que o governo só faz questão da approvação n'esta legislatura da reforma eleitoral, reforma do exercito e algumas outras medidas secundarias, alem das reformas politicas e emprestimo que já passaram nas duas camaras.

—Supponho que irá a Barcellos assistir á abertura das escolas democraticas o nosso amigo Magalhães Lima.

—As ultimas noticias de Hespanha participam uma grande agitação n'aquelle paiz. Surgem guerrilhas republicanas. Provavelmente são ainda simples tentativas revolucionarias. Mas a hora final aproxima-se.

Y.

Bairrada, 1 de Maio de 1884.

A quadra tem sido contraria á sorte da agricultura local. A prolongação do inverno, em plena primavera, assusta já hoje todos os agricultores da

Os ladrões não se contentaram só com isso. Foram ao altar e levaram os objectos sagrados. A custodia, as patenas, as galhetas perfumadas a prata, o santo-ciborio, tudo desapareceu. Na sacristia então, houve limpeza geral: as casulas, estolas, os ornamentos do altar, o estandarte da festa de Corpus-Christi, as borlas d'ouro da umbrela, a murça do parochio que era conego, não se encontrou nada. Os ladrões apenas deixaram as sobre-pelizes dos padres.

Como tinham entrado? Perfeitamente por uma das portas lateraes da igreja: tinham arrombado a fechadura. E por onde tinham saído? Tranquillamente pelo mesmo sitio.

Quem foi o primeiro que deu pelo roubo e que deu o alarme? Mr. Giraud, o digno sacristão, quando vinha varrer a igreja. Pobre homem! Foi acommettido d'uma convulsão, e ficou sem falla; não teve força para chamar, para gritar por socorro, estava quasi desfallecido. Agarrou com certeza uma doença o pobre sacristão.

Foram chamar o prior, depois veio o primeiro cura, que vinha dizer a missa da manhã, depois appareceu o segundo cura, reunindo-se em seguida os subdiaconos, os chantres, os clerigos, o bedel, os mordomos e o conselho da fabrica todo. Finalmente, monsenhor, que tinha sido accordado de proposito e que se lastimava muito, era representado pelo seu vigario-geral, mr. de la Roche-Monteix.

Continua.

O abbade tomou-lhe a mão. —Falla-me d'ella á tua vontade, disse elle, porque sei que isso te alliviará

XXIV

Transcripção d'um bilhete em cifra recebido em Poitiers por Jacotin, o Pipette.

«O negocio que exigia a presença em Poitiers de mr. Jacotin está abandonado. Logo que receba este bilhete, mr. Jacotin poderá voltar a Paris, onde esperará instrucções ultteriores, continuando a ter conhecimento de todos os successos e acções do ministerio de policia geral. Mr. Jacotin deverá tambem vigiar com cuidado e precaução os collegas de Rovigo, assim como os membros do corpo legislativo, cuja lista encontrará junta. N'uma palavra, esforçar-se-ha por ser informado a respeito das disposições dos funcionarios e das dos inimigos do imperio, sejam realistas ou jacobinos. Tem carta branca para as despesas e para os agentes que julgar necessario empregar.

«Mr. Jacotin fará chegar ao seu destino, logo que esteja em Paris, um relatório circumstanciado sobre a missão, de que estava encarregado em Poitiers, indicando exactamente o que é feito das pessoas com quem travara ahí relações. Em fim, pede-se uma narração muito completa do negocio. Se

por acaso essas pessoas corriam qualquer perigo e se os serviços de mr. Jacotin poderiam ser-lhes d'alguma utilidade, é autorisado a ministrar-lhes o apoio da sua experiencia, empregando entretanto todos os esforços para se não comprometter.

«Mr. Jacotin terá todo o cuidado em não perder de vista o sr. Méhu, que será muito breve um homem a utilisar. Este individuo não está já em Poitiers; e mr. Jacotin deverá occupar-se em o encontrar.»

Depois de ter lido este bilhete, Jacotin rasgou-o com um ar encolerisado.

— Bem está disse elle, mais um negocio perdido. Já vejo que não conspirarei nunca á minha vontade! Emfim, louvado seja Deus, cuidados não me faltam. Vigiar os ministros, vigiar os deputados, vigiar os realistas, vigiar os jacobinos, vigiar Méhu! Até mr. Fouché me encarregou tambem de vigiar o rei José e Maria Luíza! Emfim, vejamos o que é mais urgente. Trata-se de liquidar os nossos negocios aqui; mas onde estão elles? Já ha dias que eu não ouço fallar de nada. Ou terão elles, depois que o golpe fahou, cabido em algum laço? Precizo informar-me. Vou conversar um bocadinho com a Juliettasinha. Se esta pobre gente foi agarrada, é uma grande desgraça: elles tem tido um trabalho persistente! tão audaz como prudente! Esta Julieta, que ladina, que formoso instrumento! Não é possível! Teios-hão deixado escapar. Mas quem faria isso? Talvez mesmo Fouché, quem sabe? El-

## NOTICIARIO

Bairrada. E o principal ramo da industria agricola d'esta localidade — o vinho — está soffrendo bastante com a inclemencia do tempo. A chuva e o frio atrasam extraordinariamente o desenvolvimento do fructo nos vinhedos d'esta região, que apresentam neste momento um aspecto pouco lisonjeiro. A florescencia atravessa um periodo aspero em demasia. Afiguram-se pessimamente as condições da limpa, se o tempo não mudar.

Temos escapado, é verdade, ás geadas com a persistencia das muitas chuvas cahidas em abril, mas a prolongação de uma invernada tão inclemente compromette do mesmo modo a colheita vinicola, levando-nos a esperar que ella seja má, porque os annos humidos são sempre annos de pouco e mau vinho. Os annos assignalados por colheitas de qualidade superior foram sempre annos seccos e de grandes calores.

E' possível que estes ainda cheguem e nos incommodem em extremo, mas as indicações barométricas por em quanto estão longe de satisfazerem os desejos dos agricultores.

O que se passa com relação á situação dos vinhedos, dá-se egualmente com respeito ao aspecto das sementeiras cerealíferas que estão, umas infesadas, outras perdidas e raras em condições satisfactorias.

As arvores fructíferas traziam uma nascença regular, mas as chuvas e os frios d'abril prejudicaram muito a florescencia. Não será anno abundante de fructas.

Os trabalhos agricolas, por causa das vicissitudes atmosphéricas tem estado paralisados em toda a Bairrada, e os operarios começam a sentir os effeitos da falta de serviço. Se o tempo não levantar, de modo que se possam continuar immediatamente as cavas nas vinhas e concluir as sementeiras nas terras, os operarios agricolas d'esta região considerar-se-hão em crise de trabalho, porque vão já passadas duas ou tres semanas sem ganharem meios de subsistencia pelo seu braço.

Oxali que este estado de cousas tenha uma solução immediata em harmonia com os interesses de todos.

A' exposição agricola de Lisboa concorreram ainda, ao ultimo apello, varios viticultores da Bairrada, constando-nos que esta região não será das menos bem representadas n'aquelle atrahente certamen da agricultura nacional.

Inauguraram-se os serviços no posto anti-phyloxérico da Bairrada, sito na quinta d'Orta, em Tamengos, e dos resultados obtidos, pelo tratamento ali ensaiado, teremos occasião de fallar, quando chamarmos ainda uma vez a capitulo os viticultores d'esta localidade, adormecidos até aqui diante da pavorosa invasão phyloxérica que ameaça matar os seus vinhedos.

A presidencia do Centro Republicano Aveirense foi convidada para assistir á inauguração que deve ter lugar hoje das aulas de Instrução Primaria, Geometria, Geographia e Escripção Commercial no Club Democratico Barcelense. Promette ser brilhantissima esta festa de instrucção, disendo-se que a ella irão assistir e n'ella tomar a palavra alguns dos mais distintos membros do partido democratico, tanto de Lisboa como do Porto. As diversas aulas que se inauguram estão organisadas segundo os methodos mais modernos de ensino, e fornecidas de todos os instrumentos e mappas indispensaveis para que este possa exercer-se em toda a sua verdadeira altura.

Aos nossos correligionarios de Barcellos, que tão nobremente sabem comprehender a missão sublime de educar os filhos do povo, o nosso mais entusiastico parabem.

Esteve entre nós o novo administrador d'este concelho, que nos parece veio tomar posse do seu lugar.

E' homem novo, e isso faz-nos esperar que saberá extinguir tantos abusos e poucas vergonhas que por ahi se dão, e que muitas vezes temos apontado e chamado de balde para ellas a attenção da auctoridade administrativa.

Vemos por ahi todos os dias manifestas infracções das posturas municipaes, e julgamos que é das attribuições do administrador do concelho castigar esses abusos; mas este cargo tem andado quasi sempre por mãos inhábiles e negligentes, deixando chegar esta cidade, que se diz civilizada, ao estado d'uma povoação sertaneja.

Contamos que a nova auctoridade nos dê occasião a que lhe louvemos os actos.

Informa-nos um nosso amigo que na noute de quinta para sexta feira d'esta semana, deu entrada por altas horas da noute no matadouro publico d'esta cidade um boi que teve de ser transportado de rojo. Não se sabe se vinha vivo ou morto; o que é certo é que foi tirado d'um barco e arrastado até ao matadouro, sendo vendido depois n'um talho d'esta cidade sem ser examinado e sem licença da auctoridade respectiva.

Enganamo-nos outra vez, acreditando n'uns restos de seriedade da gente que governa esta caranguejola. Nunca suppozemos que Lopo tivesse descido tanto nos sentimentos de dignidade, assentindo traiçoeiramente ás modificações da sua obra estúpida; esperava apenas opportunidade para fazer votar na integra todo o primitivo projecto de reforma penal, e para isso teve de mentir alvarmente aos deputados, que lhe haviam ensinado a legislar com mais sizo, taes como os srs. José Dias e Luciano de Castro etc.

Queremos dizer: passou a lei das rolhas na camara electiva, e o Lopo mandou para o cesto dos papeis velhos as emendas aliás importantes, que havia promettido aceitar, n'uma sessão em que não arranhou outro expediente para fugir á discussão. Os srs. Dias Ferreira e Luciano de Castro foram altamente desconsiderados e escarneados, e veremos a attitudde que tomarão ante estes actos garotamente grosseiros.

Lá se entendem todos.

Os moradores da Praça do Commercio, visinhos do talho que alli existe, queixam-se de que d'este estabelecimento costumam lançar para o meio da rua vísceras e mais porcarias dos carneiros que abatem, causando repugnancia não só a quem passa, como aos ditos visinhos.

Pedimos providencias.

Foi no domingo ultimo que o nosso energico collega—A Verdade, de Thomar, entrou no 5.º anno da sua publicação.

Tributamos áquelle denodado campeão da democracia a sympathia, que nos merece não só pelas suas ideias que tambem advogamos, como pela austeridade e intransigencia com que tem sabido manter-se no campo da imprensa, atravez das vicissitudes e contrariedades, com que geralmente lucta o jornalismo republicano.

D'aqui o saudamos com todo o ardor do nosso entusiasmo, desejando ao incançavel luctador uma vida longa e prospera.

Os novos artigos que hoje começamos a publicar, sabiram primitivamente na revista ingleza *Nineteenth Century* d'onde já foram traduzidos pelo excellent journal *La Justice*. São devidos á penna do eminente sabio e grande revolucionario—principe Kropotkine.

A contar de 1 do corrente são retirados da circulação os actuaes bilhetes postaes e substituidos por outros de novo typo, já á venda.

Os ursos do norte estão verdadeiramente—com os pés na cova. Telegrapham de Berlim:

«Annunciam-nos que correu na Bolsa de Paris o boato da morte do imperador Guilherme. Na Bolsa de Berlim correu o mesmo boato. Foi immediatamente desmentido.

Entretanto, apesar do velho soberano receber ainda os seus familiares e os principes que veem a Berlim, a sua saude parece declinar de dia para dia; na idade avançadissima em que está é facil um proximo desenlace fatal.

O estado da imperatriz Augusta é cada vez peor; hontem teve um desfallecimento perigozo e julga-se que não viverá muitos dias.

O imperador está muito incommodado com a doença da mulher. Causou-lhe funda dor um outro inciden-

te:—foi a morte subita, hontem, d'um velho creado que o servia ha mais de meio seculo. O imperador exclamou—*não tarda a minha vez.*

Quanto ao marechal de Moltke continua de cama em virtude do catarrho pulmonar que lhe impõe repouso prolongado. Pedeu licença illimitada e retirou-se ha ao seu castello de Kreisau, na Silesia.

Por outro lado as dores nevrálgicas não deixam de torturar o principe de Bismarck, que vê o seu fim muito proximo. Deus os ponha a todos no ceu, que será um grandissimo serviço prestado á humanidade e á democracia.

A ultima encyclica do papa irritou a Europa culta. Todos os jornaes estrangeiros se referem a ella e a grande maioria em termos desagradaveis para a Santa Sé. Um periodico de Paris diz que nada tem prejudicado mais o mundo catholico do que os anathemas fulminados na serie d'encyclicas publicadas desde 1832. Vejamos a serie:

A encyclica de 15 de agosto de 1832 foi especialmente dirigida contra as doutrinas de Lamennais, que n'essa epocha ainda não tinha adquirido a sua emancipação intellectual. Ainda tentava levar os povos á conquista dos seus direitos pelo catholicismo regenerado!

Depois seguiram-se a encyclica de 7 de Julho de 1834, tambem contra Lamennais, que acabava de despertar a attenção universal com as suas *Paroles d'un croyant*; a encyclica de 9 de novembro de 1846; a de 8 de dezembro de 1849; a de 17 de março de 1855; emfim, a famosa encyclica de 8 de dezembro de 1864, conhecida pelo *Syllabus*, que produziu uma revolução no mundo e abriu um abysmo entre a Igreja e a sociedade moderna, que foi o mais audacioso e completo desafio lançado ao Progresso pelos amigos das trevas.

A ultima encyclica acabou de provar o desvario da santa Sé. Uma encyclica escripta em taes termos e contra... a maçonaria, que não tem hoje importancia alguma, provoca o riso e chega a causar dó.

Por ser importante, tirámos do *Jornal de S. Thomé e Principe*, o artigo que abaixo transcrymos, e por elle se verá a importancia das nossas colonias africanas, justamente cubiçadas pelos estrangeiros, mas especialmente pela Inglaterra:

«A nação europeia que tem a maior superficie e maior população em Africa é Portugal, excluindo o Egypto, Tripoli e Tunis, presumidos estados tributarios da Turquia.

Tem Portugal em Africa, 4.803,200 kilometros quadrados de superficie.

A Inglaterra tem 723,845 kilometros quadrados.

A França tem 441,875 kilometros quadrados.

A Hespanha com as Canarias tem 9.483 kilometros quadrados.

As maiores e melhores condições de navegação no interior d' Africa, pertencem a Portugal.

O maior rio d' Africa é o Nilo que tem 6:500 kilometros de curso.

O immediato é o Niger, de cuja embocadura está de posse a França.

Portugal tem em Africa occidental o Zaire com 4:500 kilometros.

O Cunene com 2:000 kilometros.

O Quanza com 1:000.

A França tem o Senegal com 2:800 kilometros e o Gambia com 1:400.

Na Africa oriental tem Portugal o Zambeze com 3:000 kilometros.

O Limpopo com 1:700 kilometros.

Os maiores lagos do mundo são Victoria Nyanza com 89:000 kilometros—o Tanganica com 32:000—o Nyassa com 26:600—e os Alberto Nyassa e Bangue o com 20:000—na Africa central. Para conseguir a sua exploração commercial em beneficio de Portugal, basta realizar a gigantesca obra de reunir o reino de Angola com o de Moçambique, constituindo assim o primeiro emporio africano, por meio d'um caminho de ferro. Este, quando houver em Portugal, governo que seja patriota e se convença que a occidental Lusitania póde ser o que já foi—isto é—a primeira nação europeia—basta começal-o em Moçambique e Angola ao mesmo tempo, aproximando o mais possível dos lagos, bastando para conseguir tão collossal obra a concessão de determinados privilegios a empresas americanas. Os primeiros vagons devem ser d' aço com artilheria moderna para vencer os naturaes atrechos da ignorancia africana. A chaminé da machina, deixando apoz, um cordão de fumo, e a metralha das vagons destruidas as arvores e atrocando os ares, com seus estampidos trovejantes constituirão o *feitiço do branco*, com que tudo se faz e consegue em Africa.

E assim se inutilizará o plano de Stanley.

Com vista ás nossas mulhersinhas: Em Paris, na rua Oberkampf, acaba de se passar um drama curioso de familia.

O sr. Rayé, operario fundidor, de 43 annos d'idade, abandonou ha tempos o lar conjugal e foi para a *pandega*. Correu Seca e Meca, andou por Bruxellas com uma rapariga de 18 annos, etc; mas cansado da estroinice recolheu a perates no dia 25 do passado mez. Então a mulher pediu-lhe, furiosa, a responsabilidade dos seus actos, de revolver em punho.

O marido atterrado fugiu para o patio; a mulher perseguiu-o e disparou-lhe tres tiros que o não alcançaram. Continuou a persegui-lo de canto em canto, quando appareceu a sr.ª Bastide Laurent que recebeu um dos tiros dirigidos ao sr. Rayé, cahindo exanimado. Nesse instante acudiram varias pessoas que conseguiram desarmar a sr.ª Rayé.

Safa, que mulher! E ha muitas d'estas lá por França. Se viessem algumas para cá não seria de todo mau para castigarem certos malandrins que deixam morrer a familia de fome para andarem na estroinice.

precursor dos homens da tempera d' aço da nossa geração, e ambos recomeçavam a sua marcha custosa, avançando sempre até que tivessem atingido o lugar onde o protopapa ia ser mettido n'um subterraneo gelado.

Desde o principio do seculo desoio nunca deixou de correr a onda de exilados que se espalha na Siberia. Primeiro foram transportados a Pelyme os habitantes de Ouglich, com o seu sino de campanario com que usaram dar o signal de rebate quando o joven czarévitch Dmitri foi estrangulado por ordem do regente Boris Godounoff. Cortaram-lhe a lingua e as orelhas e internaram-nos no seio dos pantanos arcticos. Um dos Romanoff, antecessor d'aquelles que povoam hoje a Sibéria com 20:000 desterrados por anno, seguiu um dia o mesmo caminho. Mais tarde foram os *raskolnites* (velhos crentes) quando não quizeram submeter-se ás innovações aristocraticas do patriarca Nikon em materia d' igreja. Os que escaparam á matança dos *Trez Mil* e outros, lá foram povoar as florestas da Sibéria. Foram seguidos em breve pelos servos que acabavam de fazer tentativas desesperadas para despedaçar o jugo francamente imposto por os proprietarios; pelo *Strelety*, miopia de Moscou que se revoltava contra o despotismo feroz de Pedro I; pelos Onkraniens que luctavam pela sua autonomia e pelas suas antigas instituições livres; pelos Polacos, por desenas de milhares de rebeldes, apoz cada aspiração generosa á independencia propria, por muitos outros que não podemos enumerar.

KROPOTKINE.

(Continua.)

## Variedades

## O DESPOTISMO REAL

## O EXILIO NA SIBERIA

I

A Siberia, a terra do exilio, foi sempre conhecida no Occidente como um paiz da grilhetta e do *knout* (azorrague), onde se matam os desterrados a chicote ou com um trabalho sobrehumano nas minas, como um paiz de soffrimentos indescriptiveis para as massas e de perseguições horribes movidas contra os inimigos do governo dos czares. Nunca por certo ninguem, estrangeiro ou russo, atravessou os montes Ouraes e parou no cimo, no ponto limite onde se lê d'um lado *Europa* e do outro *Asia*, sem se convencer de que entrava no paiz dos soffrimentos e das lagrimas; muitos pensaram, sem duvida, ao encontrarem a inscripção que indica a separação dos continentes europeu e asiatico, que ficaria alli muito melhor a inscripção gravada nas portas do inferno de Dante.

E, todavia, quando o viajante descou para os ricos prados da Siberia Occidental, quando viu o bem estar relativo dos camponeses, o seu espirito de independencia e os comparou com a miseria do camponez usso e com a abjecção em que ainda hoje

se encontra; quando aprendeu a conhecer a hospitalidade dos *Sibiryaks* e a sociedade agradável das cidades siberianas, e ainda não viu os exilados, nem mesmo ouviu fallar d'elles nas conversações que se travam sobre todos os assumptos possiveis excepto sobre esse. Quando ouviu dizer com basofia ao siberiano — o yankee oriental — que os exilados vivem melhor na Sibéria do que os camponezes na Russia, começa a crer que as suas concepções precedentes sobre o exilio eram demasiadamente romanescas e que, em summa, os exilados não estão provavelmente tão mal na grande colonia penal do imperio russo como se pensa na Europa.

Quantos viajantes não terão caido n'esse raciocinio!

E' preciso então que se dê algum facto caracteristico da vida dos exilados em toda a sua horribel nudez para os trazer á realidade. Que deparem, por exemplo, com uma leva de forçados, extenuados, transidos de frio, arrastando-se a custo cobertos de farrapos sob uma tempestade de neve; que presenciem os horrores d'uma repressão brutal e cega, apoz uma insurreição polaca nas margens do lago Baikal; que encontrem algum exilado no seio das florestas de Yakoutsck, como um dia aconteceu a Erman durante as suas peregrinações; que elle contem com tanto encanto nas suas *Viagens*.

Então, ao impulso d'esses factos ou d'essas descobertas, o investigador honesto põe-se á busca da verdade, obscurecida pela mentira official e pelo indifferentismo do publico. Sonda o que se occulta cuidadosamente aos olhos do viajante e descobre o abysmo de iniquidades e torturas que seconde detraz d'estas trez palavras, tão

simples e repetidas com tanta frequencia:—*Exilio na Sibéria*. Então perceberá que, alem da historia official da grande colonia penitenciaria russa, escripta para uso dos estrangeiros, ha uma outra historia, teida de martyrios e atroidades de uma ponta á outra, desde os primeiros tempos da conquista até aos nossos dias. E chegará á conclusão de que, por muito carregada que seja, a simples concepção popular da Sibéria ainda é menos sombria do que a triste realidade. Saberá que essas narrações tocantes sobre a sorte dos exilados, que ouviu em creança e que julgava ser as tradições de tempos remotos, são as narrações do que se passa, hoje mesmo; n'este seculo que escreve, mas que tão pouco se occupa, dos grandes principios humanitarios.

E' longa a historia; já dura ha trez seculos. Logo que os czares de Moscov souberam que os seus cossacos rebeldes tinham conquistado um immenso paiz para alem dos rochedos (montes Ouraes), apressaram-se a enviar para lá combois de exilados, a fim de povoarem os atalhos que ligavam entre si os fortins disseminados no espaço de setenta annos desde o Oural até ás costas do mar Okhotsk. Alli, onde nenhum colono livre se quereria estabelecer, os exilados eram forçados a construir as suas cabanas, condemnados a morrer n'uma luta desesperada com o deserto. Quanto áquelles, que o poder crescente dos czares de Moscov considerava como especialmente perigosos, achámo-los, arrastando grilhões, atraz dos mais avançados destacamentos de cossacos que annualmente se expediam para o outro lado das montanhas em procura de novas terras.

Não havia distancia por maior que fosse, nem deserto por mais intransitavel, aos olhos dos *boyars* designados, capaz de separar os exilados da capital russa; e logo que um fortim ou um mosteiro surgia nas mais longinquas fronteiras das possessões do czar, — nas trevas do circulo arctico, nos *toundras* da Kolyma, ou nas setepes (grandes planicies) da Daouria — lá se achavam os exilados construindo elles proprios as celas, o abrindo os subterraneos que iam servir-lhe de tumulos.

Se ainda hoje a Sibéria, com o seu sistema de montanhas intransitaveis, as suas florestas virgens, os seus rios impetuozos e o seu clima rigoroso é um paiz dos mais difficeis de percorrer, imagine-se o que ella seria ha tres seculos. Se ainda hoje o arbitrio e a brutalidade dos empregados quasi não tem limites n'esta parte do imperio russo, o que succederia no seculo desasete?

O protopapa (bispo russo-grego) Awakoume esclarece-nos a tal respeito: — «os rios não tem agua e os baredos são pesados; os chefes são maus e os seus cacetes são demasiadamente grossos; os seus chicotes retalham a pelle, e as suas torturas são cruéis: — o fogo e a pólvora. Mas as privações extenuaram os homens e morrem, os desgraçados, assim que os submettem á prova» — escrevia o protopapa — esse fanatico da velha religião, arrastado por um dos primeiros destacamentos de cossacos que foram conquistados o Amór (paiz) no seculo XVII. — Mas até quando, meu senhor, durarão estas torturas? exclamava a sua mulher ao cahir extenuada depois de uma viagem de cinco annos, nos gelos do Amór. — Até á morte! — respondia esse

Foi enforcada em Syracuse, estado de New York, uma mulher por nome *Haight* que tinha por costume aconselhar os maridos a que entrassem na companhia de Seguro de Vidas. Logo que elles o faziam, ella tratava de os assassinar, para receber a importância a que tinha direito. Já tres tinham sido victimas de tão barbara especuladora.

Devia ter sido julgada em Bruxellas n'um dos dias d'esta semana uma irmã da caridade, accusada de ter produzido com pancadas a morte d'uma menina.

Em Marselha tambem acaba de ser processada outra irmã da caridade que bateu tanto n'uma creança que a deixou moribunda.

Pobres creancinhas! Andae, mães de familia, ide levar os vossos fillos pequeninos aos collegios dos jesuitas machos e femeas.

**Contra a debilidade**

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Ha dias fugiu da casa paterna uma filha do snr. Domingos Antonio, de Villar Fiães, indo metter-se no *ninho jesuitico*, chamado o convento de Sanguedo.

Os paes foram ali procurar a filha que se recusou a acompanhá-los!

Eis os fructos da tolerancia dos jesuitas em Portugal. O governo é o mais directamente culpado d'estes factos, por não fazer cumprir a lei que expulsa os loyolas do territorio portuguez.

Quando aqui nos insurgimos contra a corja que não respeita o que ha

de mais sagrado, apodam-nos de epithetos indecorosos. Eis pois mais um crime para abrir os olhos aos chefes de familia e para justificar a repugnancia que sentimos por aquelles miseraveis.

O «aquarium» de Berlim possui actualmente um exemplar zoologico curiozo. O animalsito solta um canto semelhante ao dos canarios e produz uma impressão agradável pela suavidade do som. Canta sempre que se vê contrariado por um obstaculo que não pôde vencer, e então os seus lacrimosos accents tem um atractivo especial. Colocado n'uma gaiola de vidro, em principio tratou em vão de se escapar, e vendo que eram inuteis os seus esforços, manifesta a sua angustia por meio d'um gemido tristissimo, que repete quando alguém toca nos vidros da gaiola.

**BIBLIOGRAPHIA**

—*Galeria Republicana*.— Depois do finamente do seu malogrado primeiro editor João José Baptista, é a primeira vez que sae a publico aquella interessnte publicação, com o n.º 43. Este numero traz a photographia d'um dos mais incançaveis atletas da democracia, dr. Castello Branco Saraiva, biographado pelo nosso excellente amigo Magalhães Lima.

O proprietario da *Galeria Republicana* é actualmente o snr. Casimiro Augusto Baptista, filho do finado João José Baptista.

—Com o fasciculo 28 conclue-se o terceiro volume da interessante obra de Xavier de Montepin—*Crimes d'uma associação secreta*, editada pela Bibliotheca Serões Romanticos. Recebemos o fasciculo acima.

—Sairam os fasciculos 12 e 13 da

obra publicada pela empreza Noites Romanticas.—*Os ciganos da regencia*.

—Recebemos o numero 4 da *Semana de Loyola*, semanario de combate contra os jesuitas e clero devasso. Quem quizer estar em dia com as trampolinas d'aquella *santa* gente, é assignar a *Semana de Loyola*, que custa a modicissima quantia de 20 rs. e tem 36 paginas de leitura que nunca se torna fastidiosa.

—*A Saude Publica*— Saino n.º 17 d'este importante semanario de hygiene. Sempre á altura do seu fim.

—Reappareceu *El Motin*, jornal de caricaturas hespanhol, que se publica em Madrid. Sempre faiscante de *verbe*, mas com uma reserva estudada por cauza dos Cánovas. Traz uma esplendida caricatura allusiva ás eleições, em que os mortos de ha mais de cem annos são ainda hoje eleitores. Cá e lá...

**SECÇÃO DE ANNUNCIOS**

**OFFICINA DE CARPINTEIRO.** Na rua d'Alfandega n.º 5 e 6 executam-se todos os trabalhos de carpinteria, taes como portas, janelas, soalhos, corrimãos, armações de lojas, etc. por preços commodos.

Todas as encomendas devem ser dirigidas a Fernando Homem Christo—Aveiro.

**OFFICINA DE Serralheria**

DE JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

Largo da Apresentação, 4 a 6

**AVEIRO**

Nesta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de réis 8\$000 a 1\$400.

**Contra a tosse**

Xarope Peitoral de James, unico legalmente autorisa do pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia—Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 9 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**MUITA ATENÇÃO**

No armazem de moveis de Joaquim de Carvalho Porto, na Rua de Quebra Costas, Coimbra, encontra-se para vender um magnifico oratorio-capella, de pau santo, guarnecido a talha de pau setim, com tres metros de altura e um e meio de largura. Este oratorio é proprio para celebrar missa.

Quem o desejar comprar pode dirigir-se ao annunciante.

**XAROPE** Phellandrio composto de Roza.

**POMADA** de anti-herpetica do Dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**FABRICA DE LADRILHOS MOSAICOS** NO PORTO

CONTINUA a ser correspondente n'esta cidade David da Silva Mello Guimarães, em casa de quem podem ser vistos os desenhos e respectivos preços.

**CASA DE PENHORES**

DE A. M. MARQUES VILLAR legalmente auctorisada

Trav. de St.º Antonio (proximo á Sé) **AVEIRO**

EMPRESTA dinheiro sobre penhores d'ouro, prata, moveis, relogios e roupas em bom estado, das 9 horas da manhã ás 10 da noite, por um juro baratissimo. Tambem recebe dinheiro por conta do penhor, para facilitar a retirada d'elle.

**NOVIDADE**

GRANDE ARMAZEM DE MOVEIS 26—Rua do Quebra Costas—42 **COIMBRA**

**JOAQUIM DE CARVALHO PORTO**

acaba de receber um magnifico e variado sortimento de moveis, tanto de madeira como de ferro, que vende por preços commodos. Tambem se encarrega de toda a qualidade de trabalhos concernentes á arte de marceneiro e estofador. Os trabalhos são executados com a maior perfeição e os preços são baratissimos. Todos os pedidos devem ser dirigidos ao annunciante.

**Contra a debilidade**

Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte, e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos de peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, amrca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**!! ALTO AQUI !!**

O proprietario do HOTEL CYSNE DO VOUGA, fornece apreciavel VINHO DA MADEIRA por preço convidativo.

Esta especialidade de VINHO, só se vende no

HOTEL CYSNE DO VOUGA Praça da Fructa

**HERPES E IMPIGENS**

CURAM-SE em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do Dr. Moraes. É muito util no tratamento das feridas chronicas.

Á venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; em Ilhavo, João C. Gomes. Deposito geral, pharmacia Maia—Oliveira do Bairro.

**MUITA ATENÇÃO**

JOÃO PINTO DE MIRANDA, morador na rua dos Mercadores, d'esta cidade, participa aos seus Ex.ºs freguezes e amigos, que já recebeu um magnifico sortimento de fazendas d'alta novidade proprias para a presente estação. Espera, pois, que o honrem com a sua vizita.

**EMPREZA**

NOITES ROMANTICAS

**OS CIGANOS DA REGENCIA**

POR XAVIER DE MONTÉPIN

Illustrada com lindas e magnificas gravuras de F. Pastor.

Cada caderneta de 5 folhas ou 4 e uma estampa, por semana custa 50 rs.

Brinde á sorte pela extração da 1.ª loteria portugueza que tiver lugar em seguida á conclusão do quarto volume:

Uma inscrição de—100\$000

Correspondente em Aveiro, Caetano Joaquin d'Azevedo, R. Direita.

**Empreza**

INDUSTRIAL PORTUGUEZA

CONTRUCCOES NAVAES COMPLETAS Fundicção de cannos, columnas e vigas por preços limitadissimos

CONSTRUCÇÃO DE COFRES PROVA DE FOGO

Construção de Caldeiras

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Accepta portanto encomendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como telhado, vigamentos, culpas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.

Para a fundição de columnas, cannos e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em deposito grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encomendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 20, ao attorno, onde se encontram amostras e padrones de grandes ornatos e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encomendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro.—LISBOA.

**VINHO NUTRITIVO DE CARNE**



Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approved pela junta consultiva de saude publica.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortalecinte e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enrique-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispesia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescencia de todas as doencas, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom Bifiteck.

Esta dose com quaesquer bolachinhas ou um excellento lunch para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, tomese igual porção ao *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**BIBLIOTHECA**

DE Romances baratos

VOLUMES DE 256 PAGINAS 100 réis

OBRAS PUBLICADAS

O SEGREDO TERRIVEL

2 volumes..... 200 réis

A HEBANÇA DO BANQUEIRO

2 volumes..... 200 réis.

NO PRELO

NO TEMPO DO TERROR

Na provincia e ilhas, 120 réis. Na Africa, 150 réis. Brazil, moeda fraca, 500 réis.

Publicado e á venda em todos os kiosques e livrarias do reino

**ANIMAES BRAVOS VIVOS**

De todas as especies, compra a Sociedade do Jardim Zoologico e d'Acclimação. Offerta com a descripção e preços incluindo transportes até Lisboa, aceita o

Director-Gerente Dr. van der Laan Largo do Rego, 9.—Lisboa

Typ. do POVO DE AVEIRO AVEIRO

**PORQUE COSEIS Á MÃO?**



VINDE A'

**COMPANHIA FABRIL SINGER**

RUA DE JOSÉ ESTEVÃO —79— 75 (PEGADO A' CAIXA ECONOMICA)

**AVEIRO**

Onde por 500 reis semanaes

SEM PRESTAÇÃO D'ENTRADA

e sem augmento algum nos preços, podeis adquirir qualquer das legitimas e tão apreciadas

**MACHINAS DE CUSTURA DA**

COMPANHIA FABRIL SINGER DE NOVA-YORK

As que não tem rival em todo o mundo e as que são procuradas por toda a parte como as mais solidas e proprias para o trabalho.

GARANTIA POSITIVA—ENSINO E CONCERTOS GRATIS

Cuidado com as imitações

Peçam catalogos com os preços e desenhos das machinas que se enviarão gratis.

SUCCURSAES EM TODAS AS POVOAÇÕES MAIS IMPORTANTES DO MUNDO